

O ARQUÉTIPO DO FEMININO – A NECESSIDADE DE UMA DESCOLONIZAÇÃO DE GÊNERO

**VELASCO, Liziane Bainy (autora)
SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes (orientadora)
Direito.lbv@hotmail.com**

**Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas**

Palavras-chave: gênero; descolonidade; mulher;

1. INTRODUÇÃO

Ao estudar o pluralismo, sob o viés jurídico, na América Latina e a insurgência de uma descolonização para que ocorra uma verdadeira emancipação desses povos, urge a gestão de gênero, ou melhor, da desigualdade de gênero. Os arquétipos de masculinidade e de feminilidade também nos foram impostos com a colonização, razão pela qual, na tentativa de se superar as desigualdades de gênero existente, faz-se pertinente o presente trabalho.

Cabe ressaltar que, a pesquisa tem como objetivos a desconstrução da imagem de mulher e, conseqüentemente, do que é considerado feminino para que, através da compreensão da lógica dominadora que recai sobre esse papel, possa-se colaborar para uma significativa mudança na maneira de contextualizar a temática.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Na obra *“Mulher e Homem: O Mito da Desigualdade”*, Dulce Whitaker (1988, p. 10) conclui que, embora as diferenças entre homens e mulheres ocorram em nível de corpo, a sociedade mantém a necessidade de reinterpretá-las de modo simbólico e artificial, transformando-as em desigualdades sociais que atingem diferentemente mulheres pelo mundo.

Conforme a autora supracitada, “mulheres e homens são pensados como *objetos* relativos a espaços diferentes, como se dois arquétipos diferentes governassem os destinos dos dois sexos” (1988, p. 15), como se o fator preponderante fosse a quantidade de força muscular.

Para romper com essa estrutura histórica que promove a dominação de povos através do patriarcalismo, do capitalismo e do racismo, necessário se faz ressaltar

os aspectos ideológicos do processo de socialização (educação) que garantem a reprodução da crença na inferioridade da mulher para que um dia possamos superar tal barreira que por ora ainda impede uma integra emancipação da mulher.

3. MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A partir de uma pesquisa bibliográfica, a presente pesquisa trata de um estudo qualitativo, na qual se abordará o arquétipo da feminilidade, ou seja, de como é internalizado na consciência coletiva a ideia de que a mulher para ser feminina precisa ser dócil, passiva e submissa.

4. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Com o intuito de desvendar a razão pela qual homens e mulheres aceitam as referidas diferenças (de gênero) tão artificialmente construídas, abordar-se-á os papéis sociais que os indivíduos correspondem na formação de cada pessoa, que são transmitidos na infância e reproduzidos por gerações.

Há que se falar também que, além da dificuldade de superação de ultrapassados condicionamentos históricos, nessa temática se lida com a estruturação de relações de poder, de modo que essas são ainda equacionadas para manter a mulher em contraponto ao homem, ou seja, para tornar a mulher uma prisioneira do lar (e por consequência, da família) e o homem um prisioneiro da profissão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o modelo de feminilidade burguês ainda é transmitido às crianças, desde muito pequenas, de modo que recai sobre a menina a ameaça de perda do amor dos pais, razão pela qual essa se torna dócil, passiva e submissa.

REFERÊNCIAS

WHITAKER, Dulce. *Mulher e Homem: O mito da desigualdade*. Coleção Polêmica: São Paulo, 1988.